

Escritor defende imprensa que mostre a vida dos trabalhadores, suas lutas, conquistas e até seus medos

Fanático pela comunicação sindical

Rosângela Ribeiro Gil

Como começou a sua história com a comunicação sindical?

Sempre estive envolvido com o trabalho coletivo. Queríamos mudar o mundo; no mínimo, a situação nas fábricas, no bairro, na cidade. Para isso, o essencial era comunicar nossas ideias para o maior número de pessoas. A comunicação era central: conversar, passar um panfleto, um livreto, uma foto que fosse. Sempre fui um fanático da comunicação.

No momento em que o País está envolvido em discussões políticas acirradas, qual o papel dessa comunicação?

A formação política do nosso povo está nas mãos da direita. Os grupos de comunicação Globo, Bandeirantes, Record e os demais estão nas mãos dos patrões. E, logicamente, defendem os seus interesses. Precisamos mudar a legislação brasileira sobre meios de comunicação. A imprensa sindical precisa ser regular para ser uma alternativa à manipulação da mídia empresarial e não deve se restringir ao mundo do trabalho. Para nós, do NPC, é central a difusão de valores humanitários que combatam o individualismo e estimulem a solidariedade, enfim os valores do socialismo.

A imprensa sindical tem lado, mas não pode ser chutada, chata ou mentirosa. Ao contrário, deve ser objetiva, cheia de dados, com números e fatos.

Como o senhor vê as novas ferramentas comunicacionais?

Temos que usar todas, de todo o arsenal da internet ao velho e sempre vivo jornal. Da conversa ao pé de

Aos 72 anos de idade, Vito Giannotti continua com o mesmo entusiasmo pela imprensa sindical. “Sou fanático pela comunicação dos trabalhadores”, afirma o ex-metalúrgico e escritor que chegou ao Brasil, em 1968, aos 25 anos, vindo da região da Toscana, na Itália. Para ele, esse sistema de informação não deve se restringir às questões laborais, mas também “refletir a cultura, a história, os valores, os desejos, os medos, as lutas, as derrotas e as conquistas das categorias”. Em entrevista ao **Engenheiro**, ele chama a atenção para o papel central desse meio como forma de se contrapor à manipulação da mídia empresarial. Recentemente, lançou o livro “Comunicação dos trabalhadores e hegemonia”, pelas editoras Fundação Perseu Abramo e Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC). A obra oferece dicas práticas aos sindicatos e movimentos populares que desejam construir e aprimorar seus veículos de informação para que se tornem mais atrativos.

ouvido a uma bela revista ilustrada. Os sindicatos têm investido muito pouco na informação de massa. As novas ferramentas têm um alcance muito grande, por isso devem ser usadas para defender a saúde do trabalhador, denunciar as terceirizações e a precarização do trabalho, por exemplo. Os jornais gratuitos distribuídos nas saídas dos metrô e disputados pelos passageiros são exemplos de que o velho e bom jornal ainda está vivo.

Em seu livro “Comunicação dos trabalhadores e hegemonia”, o senhor fala sobre a importância da imprensa sindical para a transformação da sociedade, o mito da neutralidade dos meios de comunicação, entre outras reflexões.

A imprensa sindical pode atingir milhares de profissionais e falar dos



problemas concretos da vida deles, mas, para isso, precisa de uma pauta que abranja toda a vida do trabalhador. A maior besteira é falar que a imprensa é neutra e imparcial. A sociedade, como está estruturada, permite que a mídia sustente o poder econômico do qual faz parte para continuar ganhando muito dinheiro. A outra mídia é a nossa. Ela tem lado e o declara. Mas nem por isso pode ser chutada, chata ou mentirosa. Ao contrário, deve ser objetiva, cheia de dados, com números e fatos. Temos lado sim, e o declaramos abertamente, mas com inteligência.

Que comparação o senhor faz entre a imprensa sindical de hoje e a do século passado?

As semelhanças e diferenças são muitas. A maior semelhança é o desejo de divulgar nossas ideias, mas as situações são muito diferentes. Hoje, avalio que, com todo o arsenal de que dispomos, ainda temos uma comunicação extremamente deficitária. Para mim, isso reflete a luta política que vivemos. A fraqueza da comunicação acompanha a fraqueza dos partidos de esquerda, dos movimentos sociais e dos sindicatos.



Vito Giannotti: é preciso usar as mídias digitais e também o velho e bom jornal.